

## A fala atribuída: as vozes que circulam na fala materna\*

Marianne Cavalcante\*\*

Denominada de *manhês* (*motherese*), a fala materna dirigida ao bebê se caracteriza por apresentar clareza, brevidade, graus de repetitividade e de simplificação, aliadas a modificações prosódicas como: frequência fundamental mais alta, âmbito de altura maior, preferência por certos contornos (sobretudo os tons ascendentes), uso de *falseto*, cadência mais lenta, partes sussurradas do enunciado, duração prolongada de certas palavras, mais de um acento frasal, etc. (Ferguson, 1964; Chew, 1969; Ruke-Dravina, 1976; Garnica, 1977).

Este tipo de fala, o *manhês*, teria um caráter didático, visto que permitiria com sua "simplicidade e repetitividade", entre outras características, a aprendizagem da língua pela criança. Recentemente, estudos neodarwinistas têm se dedicado às marcas prosódicas desta fala, principalmente às curvas entonacionais produzidas em situações afetivas (aprovação, proibição, conforto e atenção), como possuindo traços universais (Fernald, 1993). A função atribuída a tais melodias "universais" (explicitada num modelo desenvolvido por Fernald, op. cit.) é a de estimular estados de alerta, prazer, conforto, etc.; aos poucos, essas vocalizações maternas vão modulando a atenção e a emoção do infante, dando pistas das intenções e estados emocionais dos outros. E, finalmente, a saliência de certas marcas prosódicas no *manhês* possibilitariam a identificação de unidades lingüísticas pela criança.

Apesar da aparente universalidade nas produções envolvendo o *manhês*, tais estudos vêm sendo criticados<sup>1</sup> como representantes de um neobehaviorismo ou neo-inatismo:

\* O tema deste trabalho é melhor discutido em nossa tese de doutorado (Cavalcante, 1999). A presente pesquisa é financiada pelo CNPq, proc. nº 300371/99-3.

\*\* UFP - Universidade Federal do Pará.

<sup>1</sup> A este respeito ver: Bernstein-Ratner e Pye (1984), Pye (1984) e Ingram (1994).

"O papel do infante parece ser apenas perceptivo, isto é, ele assimila o 'input' materno e chega à fala. Não é informado como ele atua em todo esse processo. Se a prosódia materna é evidenciada na modulação emocional, parece que o infante não participa dela, apenas a percebe e internaliza" (Cavalcante, 1999).

Estes estudos concebem a percepção como um mecanismo inato. Dotar o bebê de uma competência perceptual é tomá-la como algo que já existe, que está pronto para ser posto em ação, através de estímulos acústicos salientes na fala; esta é a base da perspectiva de Fernald (1993). Mas como colocam Scarpa e Lier (1991) desvincular-se de uma idéia de um organismo pré-programado implica em admitir o bebê como indiferenciado. Esta noção de indiferenciação, tomada pelas autoras, implica em considerar a idéia de uma não discriminação entre mundo interno e externo.

Detendo-se neste tipo de fala peculiar, o nosso trabalho também privilegiou as situações de fala materna envolvendo situações de afeto. O nosso intuito, no entanto, foi trabalhar com a fala atribuída - "como se" -, centrando-nos na atividade interpretativa materna, enquanto funcionamento lingüístico-discursivo (de Lemos, 1995; 1997a; 1997b), nestas situações específicas, ao longo do tempo.

## 1 Corpus

Apresentamos dados de uma díade mãe-bebê (D1), filmada ao longo de vinte e quatro meses, em situação natural na casa da díade. O *corpus* selecionado deteve-se nas situações em que emerge a fala atribuída, na atividade dialógica (os primeiros nove meses).

## 2 Análise dos dados

Freqüentemente descrito em estudos que analisam a interação mãe-bebê (Lier, 1983; Gama, 1988; Rubino, 1989; Ferreira, 1988; Lyra e Rossetti-Ferreira, 1989), o "como se" sempre foi visto como uma tomada de posição da mãe em relação ao bebê, isto é, uma eleição do bebê como interlocutor pela voz materna. Já que a fala ainda não é possível ao bebê, principalmente nos primeiros meses, a mãe dá voz ao comportamento corporal e/ou vocal do infante. Esta atividade interpretativa materna traz no seu bojo algumas questões que merecem análise, como a relação de indiferenciação entre mãe e bebê nos primeiros meses e o caráter especular da interação diádica.

A análise dos dados privilegiou a situação contextual-afetiva, as reações do bebê a este tipo de fala, a caracterização da fala quanto à qualidade de voz e características prosódicas como: ritmo, duração, velocidade de fala, presença/ausência de pausas, tipo de curva entonacional, etc. A apresentação, que se dará a seguir, procurou seguir a estrutura conversacional, mostrando os turnos na ordem em que ocorreram.

### Situação 1

A situação é de banho, a mãe está com o bebê (1 mês e cinco dias) no quarto o despindo para tomar banho, o bebê chora muito e a mãe tenta acalmá-la.

Observação: // = fronteiras de unidades entonacionais

[...]

(velocidade de fala mais rápida)

9 vāmu tu'ma bā'iu//ā//  
Vamos tomar banho. Hã?

(voz rouca)

10 i'se ora di tu'ma 'bāi'ju mā'māi// (5s)  
Isso é hora de tomar banho, mamãe!

na pausa da mãe ele  
aumenta a  
intensidade do choro

11 i'o mew 'dew du 'seu (ri)//  
Ô meu Deus do céu!

12

chora mais intenso  
após a risada

(falsetto)

13 o 'māi//o: mā'māi://pela'i pela'i//o//voti'la a  
Ô mãe. Ô, mamãe! Espera aí, espera aí. Olha, vou tirar a

diminui a intensidade  
do choro

'frawda//o u ba'ru'lu  
fralda. Olha o barulho!

14 'pōtu 'pōtu//vāmu pa: 'gwīa 'vāmu//  
Pronto, pronto. Vamos pra aguinha, vamos?

15

bebê silencia e olha a  
mãe

(...)

(falsetto - mais agudizada e volume baixo)

18 eita 'ki a'gwīa gos'toza 'māi//vi'ji 'māi//  
Eita que aguinha gostosa, mãe! Viche, mãe!

quando faz xixi e a  
mãe o tira da água  
por alguns segundos  
o bebê permanece  
quieto observando

'feis ji 'ji 'dētru 'dagwa://ia'gara//  
Fez xixi dentro d'água. E agora?!

Como se observa, nesta situação temos vários momentos em que a mãe se utiliza da fala atribuída, passaremos a analisar um a um estes momentos para compreender seu funcionamento na atividade interativa.

O primeiro momento surge quando a mãe convida Vitória a tomar banho, fazendo uso de uma fala infantilizada, em falsetto e com velocidade de fala rápida, com curva descendente, numa situação característica de afeto positivo. Como o bebê não demonstra qualquer mudança de comportamento, ainda chorando muito, ela assume seu papel (turno 10): [issu é hora di tumá bāiu mamāe (5s)]. Aqui ela externa o que poderia ser dito pelo bebê numa situação como esta, de insatisfação por tomar banho, veiculada através de uma reclamação. E responde logo em seguida: [ô meu deus du céu], numa típica lamentação materna. Ainda na seqüência, ela assume, no turno seguinte, novamente o papel do bebê (turno 13): [ô mǎi ô: mamā:i], num contexto de conforto, externando a sua vontade: o cessar do choro, no lamento do bebê. Ela responde ao turno com uma voz infantilizada, narrando seus atos subseqüentes: tirar a fralda, acalmar o bebê, experimentar a água com a mão e apresentá-la à Vitória, mostrando satisfação, através do uso de tons ascendentes e falsetto, entremeados por sorrisos, até conseguir que o bebê cesse o choro.

Com a mudança de estado de Vitória, a mãe reassume a fala do bebê (turno 18): [eita qui aguia gostosa mǎi / vichi mǎi] num registro baixo, com curva ascendente, em falsetto, demonstrando a satisfação do bebê com a água. A reação do bebê porém não se coaduna com "sua" fala, já que este permanece quieto, com o corpo tenso, membros superiores e inferiores rígidos. Quer dizer, nada sinalizaria a mãe a sua satisfação. Mas se observarmos o turno anterior, a mãe é quem experimenta a água antes do bebê, com suas mãos, o que leva a crer que a satisfação com a água é dela e não do bebê. Logo em seguida, quando o bebê faz xixi na água do banho, a mãe entra num dilema, continuar ou não o banho. Vitória não esboça qualquer reação, a mãe reinicia o banho. Aqui, a indefinição sobre que atitude tomar é transferida ao bebê, quando na verdade, quem não sabe o que fazer é a mãe.

### 3 Discussão

Ao longo do tempo, a fala atribuída ou "como se" vai assumindo uma estrutura diferenciada. Sua freqüência é maior nos primeiros meses e vai diminuindo a partir do sexto mês até assu-

mir uma estrutura prosódica nova ao final do oitavo/nono mês, para então extinguir-se. Esta trajetória acompanha o desenvolvimento vocal do bebê, da total indeterminação comunicativa, para, aos poucos tornar-se mais presente na interação, assumindo seus próprios turnos.

Esta trajetória da fala materna põe à mostra resultados que merecem destaque. Em relação à sua caracterização, podemos dizer que há pelo menos dois tipos<sup>2</sup> (ou dois níveis) de fala atribuída: a interpretativa-comportamental e a passível de deriva.

A primeira, apresenta-se quando a mãe atribui a algum comportamento do bebê (vocal ou corporal) uma interpretação. Temos como exemplo:

Diante de um choro incessante do bebê, ela dá "voz" à reclamação do bebê.  
Turno 13 o 'mǎi//o: mǎ:mǎ:i

O outro tipo de fala designamos como "passível de deriva" pois nada dentro do contexto imediato (comportamento do bebê) leva à sugestão do conteúdo a ser produzido no enunciado materno. Os momentos que destacamos:

Turno 10, na crítica sobre a hora do banho.  
(falsetto/infantilizada)

i'se ora di tu'ma 'bāiju mǎ'mǎi

Turno 18, no comentário a respeito da água do banho do bebê.  
(Falsetto – mais agudizada e volume baixo)

'eita 'ki a'gwǎa gos'toza 'mǎi//viji 'mǎi//

A fala do tipo interpretativo-comportamental apresenta-se predominantemente nas situações de conforto. A qualidade de voz e o tipo de curva entonacional são: voz sussurrada com alongamentos e curvas descendentes para o conforto e voz em falsetto com curvas ascendentes para a interação positiva. Na fala passível de deriva: curvas descendentes, voz em falsetto e infantilizada, velocidade de fala rápida para a negação/rejeição.

A estruturação da fala atribuída na atividade dialógica mãe-bebê se coloca no terreno da identificação materna com este bebê, daí a assunção do papel do infante pela mãe no diálogo. Como já salientou Guimarães de Lemos (1989) a relação mãe-bebê nos primeiros meses caracteriza-se pela indiferenciação, na qual o bebê e a mãe se percebem como "um".

<sup>2</sup> Para Lemos (1995) ambas as falas são passíveis de deriva; usamos estas expressões operacionalmente, para distinguir os dois tipos de "fala materna" neste período.

Estudos mostram (Winnicott, 1960) que a figura materna é dotada de uma onipotência tal, que torna-se capaz de uma total compreensão sobre o comportamento do infante. Quer dizer, nada escapa a este ser que pela capacidade de identificação com a sua cria, pode até mesmo falar por ela.<sup>3</sup>

Mas idéia de transparência/determinação na compreensão do comportamento do bebê pela mãe perde a sua sustentação na presença da atividade interpretativa materna, mesmo que tal interpretação reflita uma 'violência'.<sup>4</sup> O funcionamento necessário desta violência interpretativa possibilita à criança estar na língua ao ser subjetivada na fala atribuída materna. Com o sujeito-mãe há uma cessão não só de lugar discursivo, mas de identidade locutória. Essa assunção de papéis é tão marcada, na modalização vocal (uso do falsetto e fala infantilizada – "baby talk"), que determina através dessa saliência o lugar discursivo do bebê.

### Referências bibliográficas

- CAVALCANTE, M. C. B. *Da voz à língua: a prosódia materna e o deslocamento do sujeito na fala dirigida ao bebê*. Tese de Doutorado, IEL/UNICAMP, 1999. Inédita.
- DE LEMOS, C. T. G. Língua e discurso na teorização sobre aquisição da linguagem. *Letras de Hoje*, n. 4, 1995.
- FERGUSON, C. (1964). Baby talk in six languages. In: *American Anthropologist*, 1966.
- FERREIRA, S. S. *A interação mãe-bebê: os primeiros passos*. Dissertação de Mestrado, UFPE, 1989.
- GAMA, A. *Fala e ação no cuidado materno ao bebê*. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 1989.
- GARNICA, O. Some prosodic and paralinguistic features of speech to young children. In: SNOW, C. E.; FERGUSON (orgs.). *Talking to children. Language input and acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- GUIMARÃES DE LEMOS, M. T. *O que significa aprender a falar? Uma discussão entre a psicolinguística e a psicanálise*. Campinas, 1989. Texto inédito (mimeo)
- . *A língua que me falta: uma análise dos estudos em aquisição da linguagem*. Tese de Doutorado, IEL, Universidade Estadual de Campinas, 1994.
- INGRAM, D. The cultural basis of prosodic modifications to infants and children: a response to Fernald's universalist theory. *Journal Child Language*, 22, 1995.

<sup>3</sup> A este respeito ver crítica de Gama (1988).

<sup>4</sup> Ver a este respeito Guimarães de Lemos (1989).

LIER, M. F. *A constituição do interlocutor vocal*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 1983.

LYRA, M. C.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. Processos dialógicos e a construção da partilha na díade mãe-bebê. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 16, Campinas, 1989.

RUBINO, R. *Representando o interlocutor no período pré-linguístico*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1989.

SCARPA, E. M.; LIER, M. F. *Remarks on language perception*. Campinas, 1991. Texto inédito (mimeo)

WINNICOTT, D. M. The relationship of mother to her baby at the beginning. In: ———, (ed.). *The family and individual development*. London: Tavistock Publications, 1960.